

Avaliação é positiva ao final de um dia tenso

Ao final de um dia de enorme tensão nos mercados e no Governo por causa da troca de comando no Banco Central que implicou a mudança na política cambial, os sinais foram positivos para o Governo: a saída de capitais foi de US\$ 600 milhões (bem abaixo do US\$ 1,1 bilhão da véspera), conforme registro no Banco Central, às 20 horas, e a compra de dólares foi de US\$ 1,1 bilhão. O temor do Governo era a de que a fuga de capitais e compra de dólares ficassem entre US\$ 3 bilhões e US\$ 5 bilhões.

Em função deste resultado do primeiro dia, o Governo ganhou otimismo a ponto de, segundo uma alta autoridade da equipe econômica, estimar a rápida redução das taxas de juros. "Se a reação nos próximos dias for bem como hoje (ontem),

será possível reduzir juros rapidamente e, portanto, ajudar a resolver o problema fiscal do País", disse uma fonte do Governo. No primeiro instante, no entanto, a taxa de juros poderá dar, segundo o informante, um pequeno salto, mas rapidamente poderá ser reduzida.

Preocupação

No começo da noite de ontem, depois de uma madrugada e um dia inteiro de grande nervosismo, a avaliação do ministro Pedro Malan e de sua equipe era a de que o resultado da substituição no Banco Central foi melhor do que o esperado. A alguns interlocutores, o próprio presidente Fernando Henrique manifestara preocupação com o risco de grande evasão de divisas - ele próprio

citou a cifra de US\$ 3 bilhões.

A mesma avaliação positiva sobre o primeiro dia de mudança cambial foi feita pelo economista André Lara Resende que está em Paris e também pelo ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros. De sua parte, Mendonça de Barros avalia que a primeira reação foi boa, mas os próximos quatro ou cinco dias serão importantes para se examinar com maior precisão o resultado da delicada operação. "Com a experiência de 30 anos de mercado, posso dizer que qualquer medida importante na economia precisa passar pela reflexão de um fim de semana", disse. "Segunda-feira será um dia decisivo", acrescentou.

Na avaliação dos economistas, a desvalorização cambial poderá gerar inflação. Um teste

para o Governo será o de acompanhar esse movimento e não permitir que haja uma explosão inflacionária. "Se hoje já foi um dia positivo, amanhã deverá ser ainda melhor", avaliou um importante interlocutor do presidente Fernando Henrique.

Lado político

Um dos aliados do presidente Fernando Henrique que internamente fazia críticas à política econômica de Pedro Malan, o governador Tasso Jereissatti disse que a hora é de dar todo apoio ao ministro da Fazenda. "O momento é muito grave e exige todo apoio ao ministro, até porque, entre todos os integrantes da equipe econômica que permaneceram no Governo, é ele quem tem credibilidade lá fora". Para o

governador do Ceará, o momento agora "é de sangue frio, avançar nas reformas e esquecer questões menores".

Ao mesmo tempo, na avaliação do governador, o presidente Fernando Henrique poderia começar a pensar na recomposição de sua equipe de assessores, de forma a ter um grupo formulando propostas para o desenvolvimento estratégico do País. Para ele, a presença do economista André Lara Resende neste núcleo é imprescindível.

Embora Pedro Malan tenha se mostrado muito mais afinado com as lideranças do PFL, o governador Jereissatti acha que essas divergências não devem ser lembradas nessa hora. "O ministro Malan é um funcionário público e saberá executar a

nova política do Governo", afirmou. "Até por temperamento ele é flexível; o Gustavo Franco é que sempre foi inflexível", afirmou. "Dentro da crise, Malan é o interlocutor", disse Tasso Jereissatti.

A saída de Gustavo Franco, na noite de terça-feira, surpreendeu não só os aliados políticos do Governo como também integrantes da equipe econômica. A tendência de enfraquecimento de Franco já era conhecida, mas não se imaginava que ele saísse em meio às turbulências no mercado internacional. Isso confirma que a saída foi por iniciativa de Gustavo Franco que não aceitou comandar do Banco Central uma política cambial diferente da sua.

CRISTIANA LÔBO

Repórter do Jornal de Brasília